



PARTE 1

DOSSIÊ MACHADO DE ASSIS

Página anterior: Ilustração J. Faber.

# SINGULAR EXPERIÊNCIA

## PARA UMA REVISÃO DOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

*Abel Barros Baptista\**

### RESUMO

Partindo de uma leitura do conto “A segunda vida”, mas sem procurar fazer dele um conto paradigmático, o ensaio delimita um conjunto de figuras que permitam orientar uma revisão dos contos de Machado de Assis. Deduzem-se, assim, cinco figuras, desenho de um mapa incompleto de caminhos possíveis: a experiência, o lapso, a singular ocorrência, a loucura e o segredo.

*Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:*

— *Dá licença? é só um instante.*

*Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:*

— *João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.*

*E, voltando à sala:*

— *Pronto, disse ele; podemos continuar.*

— *Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe, O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?*

— *Não, senhor.*

— *São incombustíveis.*

Um leitor assíduo terá reconhecido no texto acima transcrito o começo de “A segunda vida”, um dos contos do volume **Histórias sem data** (1884). O interlocutor que Monsenhor Caldas interrompeu, um tal José Maria, conta a seguir que, chegado ao planeta dos virtuosos da terra, soube que completava mais

\* Universidade Nova de Lisboa.

um milheiro de almas e que, uma vez concluídas as extraordinárias festas que ali fizeram em sua honra, o convidaram a tornar à terra para cumprir uma segunda vida, privilégio concedido por uma lei eterna a cada alma que completava um milheiro. José Maria, que se retirara pouco satisfeito com a primeira vida, não queria voltar. O privilégio, porém, era irrecusável. Ao cabo, pede que lhe satisfaçam apenas uma condição: nascer experiente. O pedido foi recebido com um riso universal, e Job, que presidia à província dos pacientes, reputou-o disparatado. José Maria insistiu, e assim nasceu: experiente. Na narração que faz ao padre Caldas, falará da sua segunda vida como “uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiência virtual e tradicional”: da infância ao ponto da vida adulta em que o encontramos, a experiência apenas lhe trouxe desgostos e cismas, sustos e desconfianças, ilusões de saia rota, planos que se esgarçam no ar, abortos de prazer, terror de ser empulhado. O saldo é conhecido: a experiência que José Maria requereu revelou-se uma espécie de vocabulário ortográfico que fez dele um revisor escrupuloso que protela a publicação do livro na busca da edição perfeita. O corretor experiente contra a *errata pensante*, portanto, e assim se estabeleceria uma tentadora conexão com **Brás Cubas**. Suponho, no entanto, que dela não proviria muito mais do que um empobrecimento do conto, sem vantagem visível para o entendimento da célebre metáfora. Ademais, sendo este tipo de trânsito entre o conto e o romance o que justamente cuido de evitar, por razões que agora não discuto nem sequer exponho, limito-me, neste curto ensaio, e pese embora o título dele, a contornar a traço grosso algumas figuras capazes de orientarem uma revisão dos contos de Machado de Assis. Esclareço que são figuras que devem mais ao desenho de um mapa incompleto de caminhos possíveis do que ao desígnio de fazer de “A segunda vida” um conto paradigmático.

## 1

A primeira figura é obviamente a *experiência*. Bastaria para tanto o próprio requisito imposto ao cumprimento da segunda vida nova e o rol de conseqüências que José Maria daí retira na narração ao padre. Acresce, depois, a tentação quase irrecusável de ler o conto a partir do célebre ensaio de Walter Benjamin sobre o narrador e o declínio da experiência. A conjugação destes dois motivos é, no entanto, perturbadora. Por um lado, o ensaio de Benjamin ajuda-nos a perceber que uma certa modalidade de experiência atravessa insistentemente os contos de Machado: muitos deles narram uma experiência do caso único, da singular ocorrência, da ocasião oportuna e fugitiva, numa palavra, daquilo que não tem medida comum. Neste sentido, forneceriam uma competente ilustração do declínio da experiência de que fala Benjamin, e até mais do que isso: privilegiando o singular, enquanto extravagante ou enquanto extraordinário, afirmariam afinal a inutilidade da experiência, quando não a

sua perniciosidade, no que estaríamos de volta ao nosso José Maria. Mas não, já que, por outro lado, isto mesmo nos obriga a examinar o lugar da “experiência” na experiência de José Maria: para chegar talvez a concluir que afinal ele designa com a palavra “experiência” uma forma particular de resistência à experiência e, sobretudo, para chegar a retirar dessa conclusão esta outra, a de que os contos machadianos não ilustram o declínio da experiência senão para afirmarem uma experiência do singular que é essencialmente uma experiência da narração.

Parece evidente que aquilo a que José Maria chama experiência está muito longe da experiência de que falava Benjamin, sendo o termo aliás suficientemente vago para designar indistintamente coisas diferentes. José Maria pede para nascer experiente porque lhe ocorre o que ouvia ao “pai e a outras pessoas mais velhas quando viam algum rapaz: ‘— Quem me dera aquela idade, sabendo o que sei hoje!’”. E é assim que renasce simplesmente com a memória da primeira vida, a qual se pode confundir com experiência no sentido vulgar do termo, pelo menos até certo ponto da segunda vida adulta: de fato, mesmo essa memória, em rigor, não é responsável senão por uma infância aborrecida. No que respeita ao caso particular que o levou a falar com o padre Caldas, as coisas são bem diferentes. O caso, a “situação tenebrosa”, como ele diz, é o casamento com uma certa D. Clemência. Conhece-a, apaixonou-se, são ambos livres, José Maria decide pedir-lhe a mão, perde-se em planos e fantasias, mas na mesma noite chega à conclusão oposta, e muda de planos. Vale a pena citar o relato que faz ao padre neste preciso ponto da narrativa:

*— Considerarei, no momento de despir o colete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me coisa pior: — podia ficar o fastio. Concluí a toilette de dormir, acendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivência, podia salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas índoles podiam ser incompatíveis; e que fazer com duas índoles incompatíveis e inseparáveis? Mas, enfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considere-me casado, com uma linda criancinha... Uma? duas, seis, oito; podiam vir oito, podiam vir dez; algumas aleijadas. Também podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penúria, doenças; podia vir alguma dessas afeições espúrias que perturbam a paz doméstica (...) Considerarei tudo e concluí que o melhor era não casar. O que não lhe posso contar é o meu desespero; faltam-me expressões para lhe pintar o que padei nessa noite (...)*

Percebe-se que justamente a experiência desencadeia, em vez de impedir, este tortuoso processo de deliberação. Destaco dois aspectos:

1) Trata-se de um processo de deliberação que já não se refere à primeira vida de José Maria e rigorosamente prescinde dela: sustenta-se no “tem-se visto algumas vezes”, e afinal percorre possibilidades que, em princípio, estão ao alcance de qualquer noivo, incluindo aqueles que não viveram duas vezes. A experiência é aqui mero conhecimento dos perigos e dos riscos, mas não é preciso ter passado por tais

perigos ou ter estado em risco nesta ou naquela circunstância para se conhecer uns e outros. O que neste ponto dá experiência de José Maria resume-se àquele “tem-se visto algumas vezes”, ou seja, a possibilidade de transmitir o conhecimento dos perigos e dos riscos através da narração da experiência dos outros. Além disso, uma vez que essa possibilidade não depende do privilégio de nascer duas vezes, a memória da primeira vida não se distingue, quanto ao essencial, da narrativa da vida de qualquer outro: a experiência chamada própria não é própria senão num sentido muito impróprio. Neste sentido, do ponto de vista da experiência, a segunda vida foi duplamente inútil para José Maria.

2) O segundo aspecto a sublinhar nesse processo de deliberação é a idéia, presente na narração de José Maria desde o primeiro momento, de que a experiência garante a decisão correta. Se é certo que o conhecimento daqueles riscos e perigos está, em princípio, ao alcance de qualquer noivo, não é menos certo que tal não impede que muitos se casem; suponho mesmo que, na maioria dos casos, tais possibilidades não afetam sequer superficialmente a deliberação que conduz ao enlace matrimonial. Dir-se-ia, assim, que o problema da decisão não está na ignorância ou no conhecimento das possibilidades, mas no convencimento, peculiar posto indispensável, de que algumas são de tal modo remotas que o processo de deliberação pode desprezá-las a título de quase-impossibilidades. É aqui, então, que a segunda vida marca uma diferença: para José Maria, ter nascido experiente significa resistir sempre a tal convencimento, não tomando nenhuma decisão sem ponderar cuidadosamente todas as possibilidades, em especial as adversas. Não porque o desejo, não porque faça qualquer esforço nesse sentido, mas porque assim lhe é imposto inexoravelmente pela memória de toda uma vida confundida com experiência própria – e daí que lhe cause desespero e padecimento. Neste sentido, a experiência coloca José Maria ao abrigo da precipitação, das ilusões de saia rota, dos planos que se esgarçam no ar, *mas abriga-o sem o favorecer*. Sendo propósito da condição da experiência garantir à segunda vida uma qualidade que a primeira não teve, a ação da experiência viria a revelar-se contínua e regularmente perniciosa: e José Maria acabará por confessar ao padre que nada lucrara até àquele momento, que até perdera.

Estes dois aspectos conjugam-se num resultado óbvio: nem é preciso ter vivido uma primeira vida para ter experiência, nem basta ter vivido uma primeira vida para que a segunda seja melhor. Daqui a concluir que a experiência é inútil enquanto garantia ou instrumento de felicidade vai pouca distância, ou até nenhuma, e Job, recordemos, foi o primeiro a dizer que a condição da experiência era um disparate. Mas a conclusão essencial deve reter sobretudo a particular articulação da segunda vida com a experiência. De fato, o problema de José Maria não é o transporte da experiência da primeira para a segunda vida, mas o lugar que nesta vai ocupar enquanto fundamento e garantia de decisões que assegurem uma vida melhor do que a primeira. Neste sentido, a experiência que José Maria requereu não se distingue de ou-

---

tras figuras recorrentes na ficção machadiana, por vezes tão diversas entre si como as que encontramos em contos como “Teoria do Medalhão” ou “Ex-Cathedra”: no essencial, é uma figura da deliberação como cálculo de possibilidades e da decisão como aplicação de um programa.

## 2

Nada disto significa, entretanto, que a experiência seja irrelevante na narração de José Maria, mas apenas que precisamos de delimitar-lhe um sentido diferente do que ele lhe atribuía. E é tempo de passar à segunda figura que quero realçar: o *lapso*. Acontece que, ao cabo de vários incidentes, envolvendo uma herança, exigências absurdas e até um revólver, José Maria casou mesmo. É uma ocorrência solitária, isolada, *singularíssima*, não porque seja extravagante ou extraordinária, mas porque rompe a continuidade em que tudo se repetia segundo o mesmo padrão: José Maria casa-se, apesar de nada ter afastado qualquer das possibilidades adversas consideradas, e regressa logo a seguir à vida como até aí a vivera. Tudo indica que o casamento ocorreu no quadro do que, no idioma machadiano, poderíamos designar um *lapso* da experiência tal como José Maria a entende. Desde logo, um lapso que comprova que não é possível fundar na experiência um programa capaz de gerar a decisão e reduzir a deliberação a um cálculo de possibilidades, ademais com uma característica decisiva que nos desvia dos termos de José Maria: é que agora já não está em causa a felicidade ou a infelicidade, mas o domínio sobre a própria decisão e a conduta. Mas trata-se também, por outro lado, de um lapso em que emerge outro entendimento da experiência: José Maria deixa de ser simplesmente aquele que trouxe consigo a experiência, para se tornar aquele que *faz* a experiência: experiência do risco, da imprevisibilidade, da singular ocorrência, experiência da *passagem* pelo perigo. A vida em estado de susto permanente, as desconfianças constantes, o “terror de ser empulhado”, que cada vez mais o dominam depois do casamento, não representam a simples continuidade do que fora a sua vida até ao casamento senão na medida em que o confirmam na situação de prisioneiro de uma noção de experiência que a confunde com um meio de eliminar o mais temível elemento do perigo, a imprevisibilidade: são, além disso e sobretudo, o sinal de um esforço para evitar a repetição do lapso do casamento, ou seja, o sinal de uma *resistência à experiência*.

E, no entanto, o lapso está lá, ou ficou lá, num momento particular da vida de José Maria: constituiu-se *singular ocorrência*, que os acontecimentos antecedentes não faziam prever e os conseqüentes não esclarecem, e torna-se, como no conto que tem esse título, o próprio cerne da narração. É esse é o traço desta minha terceira figura, a singular ocorrência: reclama a narração, seja aquela que a dissolve numa repetição, ainda absurda, como faz o narrador de “Primas de Sapucaia”, seja aquela

que a realça como lapso insanável, como fazem, ou tentam fazer, os narradores de “Singular ocorrência” ou de “Missa do Galo”. As declarações de José Maria a este respeito são menos precisas, mas ainda assim inequívocas. José Maria dirige-se ao padre Caldas para “um negócio urgente e grave”, explicita a dado ponto que o caso com D. Clemência é “a situação tenebrosa” que lhe vem expor e, quando acaba de contar os incidentes que enfim conduziram ao casamento, diz-lhe: “Vossa Reverendíssima respira como quem chegou ao fim. Qual! Agora é que chegamos ao trágico”. O casamento é, portanto, o motivo decisivo do encontro com o padre e da narração, mas, enquanto tal, é justamente o ponto obscuro da narração: que queria ele contar ao padre e, sobretudo, que queria ele do padre? Não chega a dizê-lo, e aliás, desde que referiu o casamento que a narração, conforme precisa o narrador, se tornou “mais difusa, mais derramada, evidentemente mais delirante”. Até que se interrompe. José Maria confessa ao padre que nada lucrara, que até perdera, porque fora levado ao sangue, e diz-lhe que lhe vai contar o “caso do sangue”: conta então que sonhou com o diabo que lhe lia o Evangelho e lhe mostrava os lírios do campo, que de dentro deles saiu um réptil fedorento e torpe, que quando acordou tinha diante dele a mulher, aflita e desgrenhada, que ela o olhava com olhos doces, que ele lhe disse que os olhos doces também faziam mal, e aqui já o padre estava de pé, recuava trêmulo e pálido, enquanto José Maria investia para ele, bradando “Não, miserável! Não! Tu não me fugirás!”... Pela escada acima chegava o socorro que o padre prudentemente pedira, mas é de inferir que a pobre D. Clemência não teve a mesma sorte. Se o caso fosse para graças, dir-se-ia que a interrupção da narração de José Maria decorreu de uma opção técnica do narrador: naquele ponto, quando investiu para o padre, abandonou o *telling* e adotou o *showing*. Na verdade, mostrou aquilo mesmo que, para o padre e desde o início, explicava toda a narração: a loucura.

## 3

A minha quarta figura será, portanto, a loucura, ou as *loucuras*, pois não acabo de decidir entre a loucura de José Maria e a que o padre lhe atribui e não estou convencido de que coincidam. O certo é que ambas provocam as interrupções que enquadram a narração de José Maria no conto. O padre interrompe-o logo no início: decidiu que estava na presença de um lunático, perante o primeiro assomo de raiva teve medo e tratou de se precaver. José Maria é, durante todo o conto, o narrador enganado, que faz uma narração para alguém que não a quer e finge escutá-la enquanto não se vê livre de narração e narrador. E o conto não excede a narrativa de José Maria senão para mostrar isso mesmo. O desfecho representa assim uma coincidência notável: José Maria interrompe a narração no preciso momento em que iria ser interrompido. Significa isto que a narração de José Maria é enquadrada numa situação

que lhe retira o domínio da narrativa: ou a loucura ou o auxílio policial impediriam tarde ou cedo a conclusão do ato narrativo, negando ao leitor qualquer possibilidade de o situar na história que José Maria conta, ou seja, de perceber qual o sentido de dedicar ao padre o sentido da história que conta. Voltamos, claro, à pergunta de há pouco: que queria ele contar ao padre e, sobretudo, que queria ele do padre?

O conto distingue claramente, desde o começo, a situação narrativa da narração de José Maria: no entanto, nem a narrativa de José Maria chega a esclarecer a situação narrativa, nem esta alcança predominar sobre a narração de José Maria. A loucura que o padre atribui a José Maria – que o impediu de antecipar o narrador de “Missa do Galo”, declarando qualquer coisa como “Nunca pude entender a conversação que tive com um homem...” – é uma figura da inutilidade de procurar o sentido e a finalidade da narração do desconhecido: seja o que for, que a polícia chegue a tempo. A loucura de José Maria, por seu turno, é uma figura da impossibilidade de concluir a narrativa nela incluindo aquilo mesmo que a exigiu. A coincidência das duas loucuras no desfecho torna legível uma narrativa que conta a história de uma narração em que o narrador não pode dizer tudo e fala para um auditor que espera que ele não diga tudo porque verdadeiramente não o quer ouvir. Por isso, as duas loucuras se juntam para compor a minha última figura: o *segredo*. Direi apenas, por agora, que não me refiro ao segredo de José Maria, antes ao segredo que o conto guarda sobre José Maria: para o leitor, a narração de José Maria é outra singular ocorrência, em tudo análoga à que protagonizou Marocas no conto assim chamado. Suponho que nunca saberemos o que levou José Maria a expor ao padre a “situação tenebrosa”, ainda que possamos imaginar o que sejam o “trágico” ou o “caso do sangue”. E por isso mesmo suponho também que não faz nenhum sentido perguntá-lo: não porque a resposta não faça falta, mas muito simplesmente porque ninguém a conhece. Esse lapso pertence a uma família de lapsos que fazem a singularidade de toda a ficção machadiana.

**Nota:**

O conto “A segunda vida” é citado de acordo com o texto estabelecido por John Gledson em Machado de Assis, *Contos*: uma antologia. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

### ABSTRACT

The present essay is basically a close reading of one of the most well know short stories by Machado de Assis: “A segunda vida”. Although not intending to present this short story as an example, the essay tries to deduce some topics for a new reading, towards a revision of Machado de Assis’ short stories. The reader will find therefore five topics: experien-cc, singular event, lapse, secret and madness.